



CATHEDRAL DE S. JOÃO EM LISBOA.

C. M. L.  
 G. VILHELA  
 DE L. S. S.  
 LISBOA, 1856

## CATHEDRAL DE S. JOÃO EM TURIM.

Em a bella cidade de Turim, capital da Sardenha, n'uma das suas praças principaes, a chamada Praça do Castello, (Piazza di Castello) por ter um palacio acastellado no meio, se eleva, do lado septentrional formado pelo novo palacio real, e junto d'este, a cathedral de S. João.

É de elegante aspecto exterior; e interiormente tem riqueza e formosura admiraveis.

Pelo nosso desenho, que representa o edificio, possa ver-se a belleza, e magestade de similhante construcção.

## UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A. A. X. R. CORDEIRO.

## Continuação

## IV

O leitor dispensa-me de certo a descripção minuciosa do baile em que os dois amantes devem encontrar-se.

Isto não é um romance, todos o vêem claramente, mas o que nem talvez todos saibam é que não tem pretensões a sel-o. Eu conto, do melhor modo que sei, uma historia simples e profundamente triste. Quando mesmo pudesse enredal-a, creando lances e situações novas que prendessem a attenção e augmentassem o interesse, não o faria. Era tirar-lhe o unico merecimento que pode ter, o da verdade, que é a coisa mais singela que se conhece.

O baile era em casa de um alto personagem. Havia musica na entrada, vasos de flores nas escadas, lacaios sumptuosamente fardados, salões esplendidos, cêa lauta, vinhos generosos. Homens politicos arreados de commendas e veneras; mulheres supportaveis, interessantes, provocadoras, bonitas em pequeno numero; formosas em mais pequeno ainda; *espirituosas* sem pretensão rarissimas; feias, desengraçadas, parvas, e preciosas em *magna* quantidade.

Vestida de branco, (o branco é a *toilette* classica das virgens, o traje invariavel dos anjos,) vestida de branco, pois, Beatriz entrou na sala com uma simples grinalda de flores agrestes imitadas pela mão do nosso insigne artista Constantino. Era a simplicidade encantadora das figuras que apparecem nos idyllios de Theocrito e de Gesner. Resplandecentes como duas estrellas nas noites placidas de estio, os olhos brilhavam animados de expressão indefinivel. Expressiam o prazer ou o sacrificio? Revelavam dôr intensa, ou contentamento intimo? Era a virgem sorrindo ás fascinações do mundo, ou o anjo deplorando as misérias da terra?

Não sei!

Poucos minutos depois appareceu Carlos encostado ao humbral de uma das portas da sala do baile. A bella physionomia d'este revelava a paixão, o sobresalto, o contentamento, a dôr porventura, todos os sentimentos emfim, que se fundem a um tempo no coração do homem em certas crises solemnes da vida; mas que são naturaes, comprehensíveis, terrestres.

Os olhos d'ella fitaram-se nos do mancebo, e um leve aceno indicou-lhe que viesse sentar-se a seu lado.

— Dancemos esta *valsa*; vamos, não sente a musica?

E erguendo-se airosa como a rola que vae levantar o vôo, deu o braço a Carlos.

A maior parte das vezes a dança é uma sensaboria como outra qualquer; outras é um prazer do ceo. Quando os braços tremulos de dois amantes se enlaçam, quando as vistas se confundem, quando o seio da mulher que adoramos palpita anhelante sobre o nosso, e as melodias de Strauss ou de Weber resoam languidamente, digam-me se os minutos que passam rapidos n'algumas voltas vertiginosas, não encerram delicias indisiveis?

A valsa terminou; d'ahi a pouco affluu um cardume de *conquistadores* junto de Beatriz, pedindo-lhe a primeira contradança, a primeira mazurka, a primeira polka, etc. etc.

— Não estou decidida a dançar mais esta noite; foi a concisa resposta que deu a cada um de per si.

— Pois não dança mais? disse Carlos admirado.

— Não; salvo se quer outra valsa ainda?

— Mas veja que se compromette, e por minha causa.

— Quando assim fosse, que me importa a mim a opinião dos outros?

— Mas dos seus parentes, dos seus conhecidos.

— Parentes tenho apenas minha tia, e essa já sabe tudo; os conhecidos são-me completamente indifferentes.

Carlos continuava a pasmar com aquelle incrível procedimento.

— Beatriz, disse elle, n'uma explosão de sentimento, tu és um anjo de bondade e formosura que eu sou indigno de possuir, que devo adorar de joelhos, e a quem vou sacrificar tudo... Que é isto, santo Deus? proseguiu elle mudando repentinamente de tom.

Beatriz estremecia como o arbusto novo sacudido por subita rajada de vento, e tornara-se pallida como se estivesse prestes a perder os sentidos...

— Que é isto? continuou elle pegando-lhe na mão com impeto.

— Nada, é que não quero que me falles nunca em sacrificios que venham de ti; sacrificios que vão recair inteiros sobre duas innocentes, *ella* e tua mãe; fatalidade de que eu sou unicamente a causa, desde o primeiro desvario que tentes fazer. Olha, sinto-me com força para soffrer tudo, menos o peso dos remorsos. O amor perde a sua natureza celeste, torna-se pequeno e vulgar quando se mancha na culpa. Não é verdade que a tua alma comprehende isto?

— Comprehendo tudo que vem de ti, respondeu Carlos com a sinceridade da paixão.

— Bem, respondeu ella; e as rosas foram-lhe assomando ás faces, puras e coradas.

O baile terminava; os dois amantes estavam proximos de uma janella; os alvares do dia viam rompendo.

Beatriz disse a Carlos:

— Hoje em minha casa; sou avara de todas as luras em que possa ver-te a meu lado, porque o tempo passa rapido e sobretudo o da felicidade. És meu, sou tua; e quando o amor é assim, puro e santo como o nosso, abençoa-o Deus, porque é obra sua.

Continua.

BULHÃO PARO.

Muitos tem na bocca o patriotismo, e no coração o egoismo.

## O OLHO E A VISÃO.

## II

## Conclusão.

**Globo do olho.** — A forma do olho é espheroidal sendo menos curvo posterior que anteriormente. É formado de partes continentes e contidas, aquellas membranosas estas mais ou menos fluidas. Dá inserção pela sua superficie externa a musculos, que são destinados a dar-lhe movimento em diversos sentidos; está assente em uma almofada gordurosa que o deixa mover facilmente, e preso ás paredes da orbita por uma aponevrose ou membrana resistente que lhe dá pontos d'apóio para os seus movimentos. Pela parte posterior está ligado com o cerebro por intermedio do nervo optico, cordão branco e lustroso da grossura d'uma penna d'escrever formado por uma bainha resistente em cujo interior estão os filetes nervosos.

Na parte anterior do globo do olho vê-se uma membrana transparente com a forma d'uma calote espherica, engastada no olho do mesmo modo que um vidro sobre um relójo; é a *cornea transparente*. A membrana mais ou menos azulada com quem a cornea se continua é a *sclerotica*, é uma membrana bastante resistente que envolve todo o globo ocular excepto na parte onde está a cornea: tambem se chama *cornea opaca*.

Pela parte posterior da *cornea* vê-se uma membrana diversamente corada nos diferentes individuos, lançada verticalmente, e tendo quasi no centro uma abertura circular que ora augmenta ora diminue. A membrana chama-se *iris*, e a abertura — *pupilla*.

Entre o septo membranoso que acabamos de descrever e a cornea transparente fica um espaço que parece vazio, mas que está cheio d'um liquido aquoso, é a *camera anterior*.

Pela parte posterior do septo ha outro espaço que se diz a *camera posterior*; está cheia pelo mesmo liquido que a anterior. As duas cameras communicam entre si pela *pupilla*.

A camera posterior é limitada posteriormente por uma capsula contendo um corpo lenticular, que é o *crystalino*, o qual é menos convexo anterior que posteriormente. A densidade do crystalino augmenta da periferia para o centro, onde se pode notar um verdadeiro nucleo cujo tecido é formado de laminas sobrepostas que formam diferentes camadas, cujas curvaturas variam da periferia para o centro. — Não se sabe bem qual é o fim d'esta disposição do crystalino, mas julga-se que deve influir muito na visão.

Por detraz do crystalino até ao fundo do olho ha um grande espaço cheio por uma substancia de consistencia gelatinosa, muito translucida que é o humor vitreo: esta substancia acha se contida em uma membrana muito delicada — a *hyaloide*. O humor vitreo é homogeneo em toda a sua massa.

A membrana hyaloidea acha-se pela sua face externa assente sobre uma outra membrana branca, destinada a receber a impressão da luz, que é a *retina*: esta membrana que é a parte mais importante do olho é a expansão do nervo optico.

A retina acha-se pela superficie externa applicada sobre uma membrana, mui fina e fragil, coberta de uma substancia negra, ou pigmentosa — e a *choroidea*. O pigmento falta nos animaes albinos. A extre-

midade anterior d'esta membrana dobra-se formando muitas pregas, que se insinuam entre a iris e a capsula do crystalino a quem adherem.

Estas pregas chamam-se *processos ciliares*, estão dispostos de modo que formam uma verdadeira *coróia* que se observa bem cortando o olho em duas metades, uma anterior, outra posterior, e examinando a metade anterior pelo lado interno. A coróia chama-se *coróia* ou *corpo ciliar*.

Fallamos d'estas partes, porque representam hoje um papel importante na theoria da visão.

A face externa da choroide reveste a interna da sclerotica ou cornea opaca. Assim temos feito a descripção do olho indo da parte anterior para a posterior, e depois de dentro para fora.

A structura do globo ocular pouca differença apresenta nos mamiferos, nas aves, reptis e peixes; porém nas outras classes apresenta differenças notaveis.

Nos mamiferos as differenças mais notaveis são na cornea transparente e na iris; nas especies nocturnas a cornea é maior bem como a iris e esta muito contractil. A abertura pupillar em vez de ser circular tem a forma d'uma fenda, observa-se isto por exemplo no gato.

Nos mamiferos que passam a maior parte do tempo debaixo da terra como a toupeira, o olho é mui pequeno. Nos que vivem na agua o crystalino é muito mais espherico que o do homem, disposição que está em harmonia com a densidade do meio em que esses animaes vivem; a cornea é mais plana.

A posição dos olhos tambem é differente. No homem e nos macacos estão os olhos na parte anterior da face e dirigidos para diante; mas nos outros mamiferos os olhos estão na parte lateral de modo que cada um abraça um campo differente.

Nas aves o crystalino é mais chato sobretudo n'aquellas que costumam pairar nas altas regiões da atmosphera, o olho é proporcionalmente maior que nos mamiferos, e por isso as aves tem a vista muito fina, distinguem d'alturas extraordinarias insectos de que se alimentam, e precipitam-se sobre elles.

Nos reptis o olho é muito menos perfeito que nas aves.

Nos peixes ha um grande crystalino espherico, que vem fazer saliencia aos lados da cabeça, levantando as outras partes que o cobrem. A pupilla é muito larga. Ha peixes privados do orgão e do sentido da vista, esses vivem no lodo; os do alto mar, e sobretudo os que vivem em agua muito transparente tem o apparelho da visão muito mais perfeito.

Nos molluscos ha diferentes disposições dos olhos; nos caracoes que pertencem aos *gasteropodes* o olho é constituido por uma pequena porção de membrana escura que corre; onde á choroidea tendo uma abertura na parte anterior que a pelle adelgada vai tapar servindo de cornea. No interior d'este pequeno apparelho ha uma substancia transparente que representa os humores do olho, o orgão de visão está na extremidade dos tentaculos do animal, e é susceptivel de se mover e entrar para este orgão que lhe serve d'estopo.

Nos articulados observam-se disposições muito curiosas. Em uns, como nas aranhas, os olhos são simples com uma composição analoga á dos olhos dos vertebrados, ha cornea, crystalino etc.; nota-se porém que são em grande numero, d'ordinario oito.

Outras vezes os olhos são compostos ou facetados como nos insectos. Então ha diferentes tubos com uma cornea transparente, um corpo vitreo, ma-

teria corante e filamento nervoso. Os tubos podem ser em grande numero, já se tem contado 25000, d'ordinario o insecto tem dois d'estes olhos compostos, um de cada lado da cabeça. As corneas dispõem-se d'um modo regular umas ao lado das outras formando figuras geometricas. Na mosca e nos insectos o olho é hexagonal.

Muitas vezes o animal articulado tem as duas especies d'olhos que acabamos d'indicar, d'ordinario acham-se os compostos aos lados da cabeça, e no intervallo d'elles estão os simples.

J. A. DA SILVA.

### KEMPIS.

AO SR. I. A. REBELLO DA SILVA.

Anai, fili, verba mea, verba suavissima, omnem philosophorum, et sapientium hujus mundi scientiam excedentia . . . . .

Et dixi: Beatus, quem tu erudieris, Domine, et de lege tua docueris eum: ut mitiges ei á diebus malis, et non desoletur in terra.

IMITAÇÃO DE CHRISTO

Para os que soffrem pode ser que eu tenha  
Um carne triste dos que não consolam,  
Mas triste, sem rasgar mais funda a chaga,  
Que deixou n'alma o desengano acerbo.

Para os que soffrem só conheço um livro.

Foi KEMPIS que o sentiu? é obra d'anjos?  
Que importa o nome? Eu sei que o pranto é doce  
Vertido n'essas paginas unguidas  
Do balsamo divino que mitiga  
De todas as paixões a dôr e a febre.

É santo o livro: ha providencia n'elle.  
Nas tempestades d'alma, quando bramam  
As revoltas paixões, quebra-se a onda  
Na rocha immovel da paciencia. Em lagrimas  
Desfaz-se a nuvem negra que nos cerra:  
Em lagrimas que são allivio prompto  
Como as gotas do sangue que distilla  
O que sente na fronte os vivos estos  
Da congestão mortal. É santo o livro.

II

A mão aloita do homem rasga os veios  
Aonde a terra entranha o oiro e o verme.  
Alenta-se o furor dos gosos novos.  
Veliscam-se as paixões enfraquecidas.  
As cobiças despoticas recrescem,  
Tiram-se ás fontes do prazer exausto  
Correntes mais caudaes, mais grossa veia  
D'este novo maná que nutre o vicio.

As idas gerações vertêram sangue  
Na cama d'esta arvore fecunda,  
Vergando ao peso dos çumosos pomos  
Que nós, herdeiros d'ella, imos colhendo.  
Foi trabalho de seculos: a vida  
Dos que foram d'aqui mal-pagos d'elle,  
Provada foi de esforços mais que humanos.  
A grande aspiração, a luz remota  
Que não viram brilhar os olhos d'esses,  
Vimol-a nós, abastardada raça  
De agigantados pulsos inda escriptos  
No granito gigante da Batalha.

Foi trabalho de seculos: é nossa  
A rica herança de esforçados homens,  
Que vestiram de malha, e gotejaram  
Por entre o ferro o sangue generoso,  
Preço dos gosos mil que nos deslumbram.

III

Somos felizes, pois? O vello d'qiro  
Foi dado a todos que arrostarão brávos  
A furia do dragão que, vigilante,  
Ao ver a luz, as garras recurvava?  
Ergueram sobre o pó do velho mundo  
Mesa farta de pão onde a indigencia  
Venha sentar-se a quinhoar da gloria  
De tel-o merecido? O frio e a fome  
Não tem já prêa onde pascer as iras?  
Debaixo d'este sol fertilisante  
Nasce á porta do pobre a messe e a vide?  
Liberta dos grilhões do pensamento,  
Livre para pedir pão e trabalho,  
A humanidade triumphou?

— Mentira.

IV

O homem soffre e geme. A existencia  
É agra, é fel servido em taça d'oiro.  
O riso do feliz é a cal do tumulo:  
Ha de vermes lá dentro um roer surdo.  
Taes jubilos não vem unguidos d'alma.  
Do coração ao rosto o pensamento  
De remorso que foi torna-se em riso.  
Não é o pobre só victima do oiro:  
Primeiro, o rico geme escravo d'elle,  
Escravo, sim, que eu prescrutei o fundo  
De muitas almas vis, e contristado,  
Ousei dizer a Deus — que extrema escoria  
Devera o homem ser.

Quaes os felizes?

São esses que resvallam delirantes  
No florido despenho do sepulchro?  
Ha muito espinho ahi sob essas flores:  
Primeiro, a honra geme ahi pisada  
Aos pés do que, depois, vae, fronte altiva,  
Marcadejando a oiro a alheia honra.

V

Oh meu Deus, para mais fizeste o homem  
 Não pode ser só isto o seu destino.  
 Os olhos meus perdidos vão no espaço,  
 Buscando-vos, Senhor: encontro apenas  
 O vosso immenso livro, em igneus lettras  
 Aberto para mim que não sei lê-lo.  
 Então só sei temer. Meus olhos correm  
 Por sobre o mar, de vaga em vaga, e ao cabo  
 O firmamento desce ante meus olhos,  
 E o segredo d'além me furta á mente.

Será crime, Senhor, a minha audacia!

VI

Ao pé da campã, sim, posso buscar-vos:  
 Abi, curva-se humilde a fronte do homem  
 Que poz a debil vista audaciosa  
 Na balisa final do seu destino.  
 O cadaver me diz no seu silencio  
 Que é preciso sellar o labio ousado  
 Que te invoca do ceo, justiça eterna!  
 E o anjo da bonança então me affaga.  
 As pulsações da febre ardente esfriam.  
 Teu livro, oh KEMPI, vem na mão do anjo:  
 Eu lagrimas te dou, e tu por ellas  
 Dás-me, primeiro, a fé, depois a esp'rança.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

## O PAGEM DA RAINHA.

romance.

I

### PORTUGUEZ POR PORTUGAL.

Era muito para ver e admirar a multidão dos homens do povo miudo que se ajuntava em redor dos paços de sua real senhoria, a senhora D. Leonor; pouco tempo era passado que assim se ajuntaram também, mas mais pesarosos ainda do que hoje, que alegres nada parecem.

A reunião ultima tinha sido a 22 d'outubro de 1383; dobravam os sinos por el-rei D. Fernando. Castella e Portugal encaravam uma tremenda luta no futuro.

O proscripto da Hespanha tentara ganhar, e ganhara, o coração da mulher, que valera ao rei dos portuguezes tanta vergonha, e tanto descrédito: o povo estremecia diante do imaginar horrendo dos ferros que o opprimiriam breve; a regente sorria entre os seus lutos pesarosos, porque elles lhe davam mais poderio e grandeza, mais altura nos seus sonhos d'ambição. Só uma alma podia, inspirada por Deus, salvar a terra de nossos paes,— era a do Mestre d'Aviz.

A viuva do senhor que fôra rei da nossa patria, dissera no dia que esta historia começa, por meio das suas ordens reaes, que o bastardo de D. Pedro, que deveria chamar-se D. João I, fosse receber as

suas regias ordens, assim como os mais cavalleiros que podiam ser columnas poderosas para a independencia, senão para a liberdade de nossos avós.

Esta multidão de peões que rodava pelas paragens, hoje do Limoeiro, era contrastada pelo grande numero de senhores e cavalleiros, que na casa de D. Gonçalo Affonso da Maia se ajuntava.

Desde o primeiro alvor, da manhã que se viam chegar de diversas direcções nobres fidalgos portuguezes, e alguns como que desejosos de não serem conhecidos, tinham vindo sósinhos, e a pé, e outros menos cautelosos, ou porque o caso não era de temer, tinham chegado ali montados nas suas mulas possantes; mas fosse pelo que fosse, tinham-as feito voltar logo pelos escudeiros, ou pelos pagens que os tinham acompanhado.

Na sala principal que D. Gonçalo tinha no seu mediocre palacio, estava já um grande e luzido numero de soldados e valentes.

D. Alvaro Vaz d'Almada subia, no momento em que fallamos, as escadas do palacio do seu amigo, e do seu companheiro, no desejo santo de salvar Portugal, que tão mal agoirado andava n'essas epochas.

Encontrou, ao dar com a porta que estava coberta pelo reposteiro em que se liam as armas illustres do senhor, um pagem que parecia aguardar os convivas que chegavam, e perguntou-lhe:

— Sabeis novas do paço? Sua real senhoria?...

— Já era dia claro, e bem sol fora, disse o pagem, quando a rainha regente se aninhava nos seus aposentos reaes!... Ah! que não é assim que se vela pelos haveres, e pelas vidas de tantos subditos e vassallos.

— Deixae, deixae, tornou D. Alvaro, que Deus inda velará pela nossa terra. O futuro é nosso.

E tinha desenhado no rosto o desejo intimo de ver liberto o berço que o Senhor do mundo lhe dera por patria, a sua dextra poisara involuntariamente sobre o punho da valente espada.

— Mas, continuou ainda o cavalleiro, sabeis qual será a hora designada para o conselho?

— É ao meio dia. Disse o pagem.

— Muito bem. Respondeu D. Alvaro desaparecendo pelo lado do reposteiro, e indo ao encontro de D. Gonçalo Affonso, que, rodeado já de bastos e esforçados cavalleiros, recebia agora alegremente o seu companheiro das batalhas.

— Que sejaes bem vindo, dizia D. Gonçalo, senhor D. Alvaro Vaz d'Almada.

— Deus vos salve! tornou o cavalleiro que chegara. Qual é o proposito que haveis tomado, meus amigos?

E dirigia-se aos nobres senhores que o rodeavam.

— Esperemos pelo Mestre, disseram algumas vozes.

— Quando deveremos ir ao palacio, obedecendo ao chamado de D. Leonor? Perguntou D. Alvaro, mostrando no seu fallar pausado, em que se manifestava um sentimento profundo, todas as magoas que lhe iam n'alma.

— Mui de breve, disse D. Gonçalo.

— Creio, replicou D. Alvaro Vaz d'Almada, que fomos todos em excesso promptos em correr aqui. Deus pague tanta diligencia.

— Não é cedo nunca, tornou-lhe D. Rui Pereira que o escutava de perto, para que se corra a batalhar, ou na luz ou nas trevas, pela liberdade da patria; para que fallemos do que deve torcer os destinos portuguezes, que se mostram tão avessos.

—Inda mal, exclamou D. Alvaro.

—Acreditaes, bradou o hospedeiro, o senhor D. Gonçalo, acreditaes, que muito folgo em vos não crer, meus bravos e denodados amigos; bem negro e terrível seria o futuro lusitano se já estivessem apagados os nossos brios, e se a lamina da espada que de nossos avós herdámos potente, se tivesse para sempre enferrujado na bainha, e receasse luzir de novo aos raios do sol, que allumiara tantas e tão pelejadas refregas.

—Meu Deus! murmurou a si mesmo D. Rui. Que faremos nós se a rainha persistir nos seus intentos?

—Havemos ter força para os frustrar, bradou animado por corajosa e santa esperança D. Gonçalo Affonso. Que nos pode importar! . . . que nos importa que a voz da viuva do senhor D. Fernando se mostre fagueira para o proscripto da Hespanha, e fatal á nossa terra? Que valerá que pretenda D. Leonor aberrar do caminho que a honra lhe prescreve, se a nobreza. . . se o povo. . . se finalmente a nação. . . —e cobrava á cada instante mais fogo e mais vida que inspirava aos companheiros, em quem ardia a mesma pureza de sentir, —comprender que deve aos vindouros uma herança de gloria, como por mercê da Providencia nos legaram os nossos antepassados.

—Não me fervem no animo, e punha a dextra sobre o peito o cavalleiro D. Rui affirmando o que dizia, menos, nem menores desejos. Mas, e custava-lhe a pronunciar a terrível verdade, que era todavia innegavel, a rainha tem um poder immenso; muitos fidalgos portuguezes! . . . Deus afaste d'elles tanta vergonha! . . . formam o cortejo do conde d'Ourem. D. João de Castella protege-a com todas as suas hostes.

—O nosso valor, o nosso esforço, a justiça da nossa causa! . . . Disseram alternados muitos dos cavalleiros.

—Sim, sim, continuou o nobre, tudo é grande e magnifico, mas a força dita a lei.

—D. Leonor, diz D. Alvaro, saberá tudo; os projectos do filho da Galliza, não serão um mysterio para quem sustenta nas mãos as redeas do governo portuguez, para quem deve sustentar o esplendor da sua magestosa altura, e a herança da filha d'el-rei.

—D. Leonor, tornou D. Rui Pereira proseguindo na sua idéa inabalavel, não quer conhecer as vistas ambiciosas que nós prevemos em João Fernandes Andeiro, tem os ouvidos cerrados á verdade e abertos unicamente para os seus desejos d'ambição! D. Leonor, continuou baixo, cobiça a corôa de sua filha.

—Santa Virgem Maria! torna o soldado atrevido. Os brados religiosos, os impulsos ferventes da fé, casavam-se n'essas eras de gloria, ao denodo e brio dos combatentes. Se o poder do ceo nos não acode, o que será de nós?! Parece que um destino mau a prende ao throno de D. Affonso Henriques.

—Mulher, dizia fundamente magoado D. Gonçalo Affonso, mas pensas tu os males que de ti virão á terra, que Deus mandou que pendesse da tua mão o seu destino! . . .

—Crêde, senhores meus, tornou corajosamente Alvaro d'Almada, os nossos braços pelejadores que se tem robustecido ao ardor dos combates, não hão-de afracar nunca! Em Deus o espero. As nossas espadas de fina tempera, não se lhes embota o fio. A nossa lealdade! . . .

—A nossa lealdade, terminou D. Gonçalo, não pode vender-se, nem o nosso animo vergar, mas nós pedemos succumbir.

—Não é essa a vontade de Deus! Bradou um homem que acabava de transpor o limiar da porta.

E os braços heroicos do Mestre d'Aviz abraçavam os defensores de Portugal.

Continua.

F. SOARES FRANCO, JUNIOR.

## BRAZIL.

### OS RIOS PARIMÁ, E BRANCO.

A Academia Real das Sciencias fez imprimir no anno de 1825 o «Diario da viagem que em visita e correição das povoações da capitania de S. José do Rio Negro fez o ouvidor, e intendente geral da mesma, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, nos annos de 1774 e 1775. Foi apresentado este diario á Academia pelo socio Thomaz Antonio de Villa Nova Portugal, e pela mesma mandado estampar, nas sessões de 6 de outubro, e 3 de novembro de 1824.

Encontramos n'esta obra bastantes noticias geographias e hydrographicas da referida capitania, com varias noções concernentes á historia civil, politica e natural, e aos usos, costumes e diversidade de nações de indios seus habitadores, bem como á sua população, agricultura e commercio.

É d'este livro que vamos extrahir a pequena noticia do lago Parimá, ou Doirado.

Fingiu-se, diz aquelle autor, que um grande lago está situado no interior da Guyana, e que nas suas margens está edificada a soberba e rica cidade chamada *Manoá del Dorado*, e que ali é tão vulgar o ouro, que tudo é ouro: que esta cidade foi edificada pelos Peruvianos, que para ali se refugiaram para se livrarem da dominação hespanhola.

Como quer que fosse o certo é que os escriptores hespanhoes deram credito a esta historia, e com tanta certeza a apregoavam que immensos cabedaes se consumiram nas empresas e viagens tentadas para descobrir aquelle famoso lago. Pissarro, Orelhana, Orsua, Quesada, Utre, Berrie e muitos outros até ao numero de sessenta, emprehenderam viagens para este fim, que todas foram baldadas, com despendio de grandes cabedaes.

E tão convencidos estavam os hespanhoes da existencia d'este riquissimo lago, que davam ao governador da Guyana tambem aquelle titulo, como se viu em despachos que o viajante inglez Walter-Raleigh encontrou na Guyana. Diziam assim: — A Diego de Palameca, governador e capitán general de Guyana, del Dorado, y de la Trinidad. —

Este mesmo Raleigh, segundo dizem alguns autores não teve de certo outro fim nas suas viagens, em que perdeu seu filho, e bem cara lhe saiu a inutilidade d'aquella expedição, porque o rei Jacobo I o mandou degolar, como suggestor de empresas frivolas e chimericas.

Não foram unicamente os inglezes e hespanhoes que acreditaram na existencia do el Dorado, tambem os hollandezes expediram a Nicolau Horstman á sua descoberta, em 1741, e no anno de 1775, o autor da memoria que temos presente, diz ter encontrado em o rio Branco a Gervasio le Clere, ao serviço da Hollanda, conduzido ali pelos indios Paraiuanas.

Ora o rio Parimá foi incluido pelo ouvidor Ribeiro de Sampaio na divisão que fez do rio Branco. Vejamos agora como elle relata esta parte da sua viagem.

«As seis horas chegámos ao logar de Carvoeiro, tendo atravessado o Rio Negro para a margem meridional, em que está situado occupando uma lingua de terra quasi rodeada de agua.

«É composto este logar das nações Manáo, Paraviána, Uranacoacéna, e de alguns moradores brancos. O seu antigo nome era Aracari, as suas vizinhanças são infestadas do gentio Mura, e por isso com bastante encommodo vão os moradores fazer as suas culturas á margem opposta do rio, em que cresce admiravelmente o cacáo. Fronteira a este logar desemboca o rio Uananácoá, habitado antigamente da nação Uaranácoacéna, que foi a terceira que se domesticou no Rio Negro, formando-se n'elle uma povoação, que depois se extinguiu.

«Fui seguindo a proximidade da margem austral, navegando com tudo entre ilhas, ou para melhor dizer, entre matos alagados. Ficava na mesma margem o rio Cauanari, chamado vulgarmente por corrupção Caburis, que desemboca na mesma margem superior quatro legoas a Carvoeiro. N'este rio se fundou a segunda missão que n'elle houve, tendo abraçado o Evangelho, a nação Caburicéna habitadora do mesmo, do qual depois se mudou, do Carmo das Caldas.

«...Chegámos ao logar de Poiares, situado na margem do sul do Rio Negro, sobre uma elevada eminencia. É esta uma das boas situações, que occupam as povoações d'este rio; porque além de se estender por uma dilatada planicie, alcança larga e agradável vista para o rio, que n'este logar se acha parte despido de ilhas, e forma tal largueza, que de margem á margem chega a sete para oito legoas. O antigo nome d'este logar era Cumari. Também lhe chamavam Jurupariporacéitua, isto é logar das danças do diabo; porque aqui os indios faziam as suas no tempo do paganismo.

«Tem este logar muitos moradores brancos, e bem estabelecidos, que com indios formam uma numerosa povoação. Produz aqui admiravelmente o café, de que ha' rendosas fazendas. As nações de indios que habitam este logar, são Manáo, e Baré do seu estabelecimento, e também Passés descidos do Jupurá.

«Fomos logo seguindo viagem pela mesma margem. Entramos a navegar um canal estreito, saindo d'elle outra vez a procurar a mesma margem, e aportámos na villa de Barcellos cabeça d'esta capitania, situada na dita margem austral.

«Está esta villa formada sobre tres outeiros. Pelo nascente corre uma boa campina, em que se edificou a casa da polvora. Segue-se logo o quartelamento militar, os quartéis dos officiaes, e continuando a rua á margem esquerda do rio, estão dispostas as residencias do ouvidor, e vigario geral, e logo a igreja matriz, e proximo á mesma o palacio do governo, e nos fundos um bairro de indios. Na baixa d'este primeiro outeiro fica o armazem real, de bella architectura. Seguem-se as casas dos moradores brancos correndo em uma rua direita até o pequeno riacho, que banha e fecha esta villa pela parte do occidente. Nos fundos d'esta rua ficam as casas dos indios occupando os dois seguintes outeiros para o mesmo rumo, dos quaes saem outras ruas, que desembocam no rio. Passado o mencionado riacho fica em alegre situação outro bairro de indios chamado communmente a Aldeinha. O antigo nome d'esta villa era Mariuá, da qual foi principal o famoso Camandre, Manáo de nação, um dos que abraçou a fé com maior desejo, que recolheu um missionario para

a sua aldeia, que por acaso andando á pesca encontrou, o qual conservou na mesma aldeia, concorrendo muito para isso as instancias da mãe do mesmo principal.

«Foi erecta em villa com o nome de Barcellos pelo governador e capitão general do estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado.... Habitam esta villa os indios das nações Manáo, Baré, Bayana, Uariquena, e Passés, ultimamente descidos do Jupurá... As suas terras são muito proprias para as culturas do café e anil.»

Aqui deixamos estampado o sufficiente para dar uma idéa do interesse d'esta memoria, poderoso auxiliar de quem prese o estudo da historia antiga d'esta parte do Brazil. Nas relações dos nossos viajantes encontram-se documentos valiosissimos, que sómente bem os poderá apreciar o amator d'uma solida instrucção; pena é que muitas d'ellas se achem ineditas, e que a Academia possuindo alguns d'estes trabalhos não os tenha feito imprimir, para mostrar aos estrangeiros, que de certo modo nos alcunham de descuidados, que nem só elles possuem o genio investigador e reflexivo, e que os nossos viajantes podem competir com os seus nas investigações a que se deram.

F. D. D'ALMEIDA E ARAÚJO.

#### RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

#### XXIV

De como veio uma caravela com cartas de el-rei a D. Pedro, e foi tomada por inglezes.

Andando ainda D. Pedro com sua armada á vista desta ilha, veio amanhecer defronte do porto desta cidade ao longo da fortaleza de San Sebastião uma caravela alfamista, que parece que veio ao longo da terra costeando a ilha, e por ser de noite não vio a armada de D. Pedro, que andava fora, e em a vendo da cidade, e como suspensa a caravela, que nem entrava nem saía, por estar já debaixo da artilheira, foi de terra um batel com gente a ella, e chegando, os da caravela lhe perguntaram se era esta ilha a de San Miguel: os do batel lhe disseram que sim, por virem nella castelhanos, e portuguezes, e desejarem de saberem novas de Lisboa havia muito tempo. Com este engano ancorou, e lhe tomaram logo as velas, e fizeram ir a gente para terra, e lhe tomaram todos os papeis e cartas que vinham dentro, e tudo levaram ao capitão-mór; e o castelhano que trazia as cartas o metteram na fortaleza, e depois o soltaram, e as cartas d'El-rei foram ler em camara, aonde estavam todos os de regimento da terra, capitães e parte da gente do povo, e alguns homens cidadãos, e nobres da terra. E as cartas vinham escriptas a D. Pedro de Valdes, e para elle de aviso, dizendo, que quando a ilha se não quizesse com muitos recados, reduzir a seu serviço, que elle D. Pedro se ajuntasse com D. Lopo de Figueira que ia com muita gente em uma armada, e que botassem em terra tres mil homens, dizendo os capitães que haviam de ser, e mestre de campo. E outras coisas vi-

nham mais escriptas nas dittas cartas, mas estas eram as de que se fez muito caso, e se estimou muito, e a armada de D. Lopo de Figueira vinha atraz da caravela. E lida a ditta carta, como na ilha já havia muitas armas das que ficaram da gente de D. Pedro em terra, e a gente bem fornecida de muita polvora, não tardaram tres dias, que era já na entrada de setembro, quando appareceu a armada de D. Lopo de Figueira, que eram quarenta velas ou pouco menos. A gente da ilha toda estava posta por ordem ao longo da costa. A armada junctamente com a de D. Pedro se chegaram ao segundo dia perto da costa. Neste tempo como a armada andava detras do monte do Brazil, chegaram duas naus de França pela banda dos ilheos, que estão da banda de leste, e uma dellas era um portuguez que se chamava o Cabeças: era mercador, e estava em França, e trazia a sua nau carregada de munições, arcabuzes, polvora e muito chumbo para vender como vendeu tudo muito bem. Estas duas naus trouxeram cartas do senhor D. Antonio, e, em chegando, com festa dispararam toda a artilheria, e de terra pela costa dispararam toda a arcabuzeria, que era toda a fronteira da ilha da banda do sul desde a villa da Praia até a Serreta, que serão oito leguas de fronteira: e isto era já de noite, e acabada a arcabuzeria dispararam a artilheria grossa da fortaleza e das Cayas, e a mais que estava assestada por toda a costa. A armada de D. Lopo e a de D. Pedro não sabiam o que era ou o que podia ser, e sem mandarem recado algum a terra se embarcaram de noite, que quando foi pela manhã escaçamente se enxergavam, e de todo desapareceram e se foram sem mais tornarem. Isto era no anno de 1581.

## XXV

Das fortalezas que se fizeram.

Depois de idas as sobredittas armadas, entrava o inverno, e determinaram o corregedor, e os mais que regiam a ilha, de fazerem com brevidade todas as fortalezas na ilha; e logo deram fim com brevidade á fortaleza de S. Antonio na ponta do Brazil, e ficou defronte della a de San Sebastião em outra ponta, e para dentro é uma enseada do mar, onde ancoram todos os navios de toda a sorte, que é uma formosa bahia ao longo da cidade, que por esse respeito lhe chamam a cidade de Angra; e detraz do Monte do Brazil está outra bahia, aonde ancoram (quando o vento é les-sueste) todos os navios; e na ponta do Brazil da outra banda, se ordenou e fez outro forte, que se chama o do Zimbreiro. Dentro na bahia da cidade de Angra, entre a fortaleza de S. Antonio e o porto novo, se ordenou outro forte, e indo correndo para o poente se fez e ordenou outro forte, e alem da Silveira mais ao diante onde se chama a Prainha outro forte, e todos com artilheria e fechados, e artilheiros; e de forte a forte iam muros com seus cordões, e corredores por detraz, e boas portas pela banda da terra. E mais ao diante outro forte, que se chama a fortaleza de S. Matheus; e alem outro, que se chama a fortaleza da Calheta; e d'ahi té á Serreta trincheiras, muros onde foi necessario por ser costa brava. E para a banda de leste se fez outro forte, onde se chama o Val de Estevam Ferreira, que é alem da fortaleza antiga de S. Sebastião; e d'alli té á villa de S. Sebastião, é costa brava, e se foi fazendo por alguns baixos algumas trincheiras, e alguns baluartes, e na casa da Salga se fizeram dous fortes, e muita muralha; e

assim no porto do Judeu outro forte, que é abaixo da villa de S. Sebastião: e d'ahi para diante tudo reparado de trincheira; e logo mais ao diante da villa de S. Sebastião uma fortaleza boa; ao diante outra; e mais adiante, onde se chama o porto Martim, outra; e mais ao diante outra; e a Santo Antonio outra muito grande; mais adiante muita muralha, que é na villa da Praia, com outra fortaleza; e de forte a forte por toda a ilha muros e trincheiras; e da villa da Praia té os Biscoutos de Antonio Pires do Canto muitos reparos; e nos Biscoutos uma fortaleza. E atraz lhe chamo fortes, de maneira que toda a ilha em roda foi em breve tempo cercada de fortes, e castellos, e muros, e trincheiras, e está hoje em dia.

Continua.

## ARABES HESPANHOES QUE ESCREVERAM SOBRE BOTANICA E AGRICULTURA.

Abdelrahman-Abu-Mathreph.—Arabe de Granada, que floreceu no seculo XI, e em uma obra d'agricultura fallou das plantas que crescem em Denia á borda do mar e nas faldas do monte Mongon.

Ebu-Golgol.—Arabe de Cordova, que corrigiu e annotou os escriptos de Dioscórides.

Ebu-Alaitam.—Arabe cordovez, que morreu no anno 1063, deixando um escripto sobre as virtudes das plantas.

El-Haj.—Arabe granadino, que escreveu de agricultura antes de Ebu o Awam.

Abu-Zacharia-Iahia-Aben-Mohamed-Ben-Ahmed, chamado vulgarmente Ebu o Awam.—Arabe sevillano, que floreceu no seculo XII, e escreveu um livro de agricultura, que, traduzido e annotado por Banqueri, se publicou em Madrid, formando dous tomos em folio, no anno 1802. Casiri e Rodrigues Campomanes tinham já traduzido antes dous capitulos da mesma obra.

Abulvalid-Mohamad-Ben-Ahmad-Ebu-Roschd, vulgarmente Averroes.—Arabe cordovez, que morreu em Marrocos no anno 1225; foi autor de varias obras. Fallou das plantas medicinaes no seu *Colliget*, publicado em latim com este titulo em Veneza no anno 1496.

Continua.

## AVISO:

São correspondentes do editor:

No Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; Coimbra, a Imprensa da Universidade; Viana do Castello, o sr. A. J. Pereira; Setubal, o sr. Manuel José Ferreira; Penafiel, o sr. Maximiano Dias de Castro; ilha da Madeira, o sr. Antonio José d'Araujo; ilha de S. Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria Valle; ilha Terceira, o sr. J. M. de Mesquita Pimentel; Rio de Janeiro, o sr. Manuel José Vieira da Costa, rua da Quitanda; Pernambuco, o sr. Miguel José Alves; Bahia, o sr. Rodrigo José Ferreira Guimarães, rua de Baixo num. 21; Maranhão, o sr. J. A. da Silva Guimarães; Ceará, o sr. Joaquim José de Oliveira; Pará, o sr. Manuel Gomes de Amorim.